

AUTORIA E LEITOR: O PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO PROJETO “COMUNICA REALEZA”

Clóvis Alencar BUTZGE
(Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus Realeza*)
clovis@uffs.edu.br

Sabrina CASAGRANDE
(Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus Realeza*)
sabrina.casagrande@uffs.edu.br

RESUMO: O projeto “Comunica Realeza” é um laboratório de produção textual que objetiva desenvolver habilidades de leitura e produção textual de alunos do Ensino Básico e Superior. No projeto Comunica, o texto é tratado como principal conteúdo de ensino da língua, compreendendo-se, também, o texto como uma prática social, que inclui socialmente o sujeito falante/escrevente. Nesse sentido, o trabalho de produção textual tem suas bases nos pressupostos teóricos da linguística textual e da enunciação. Partimos da hipótese de que produzindo o texto em circunstâncias “reais” (ter o que dizer; para quem dizer; motivos para dizer; constituir-se como sujeito de seu dizer; usar de estratégias - gêneros - para dizer) foge-se ao artificialismo da “redação escolar”. Além de trabalhar com as habilidades textuais de cada integrante, procura-se estimular a leitura e a produção de diferentes gêneros textuais da esfera jornalística que permitem a produção de textos reais, fazendo com que o autor passe a ser o protagonista do próprio texto. A produção dos alunos já ultrapassou duas centenas de textos orientados e publicados, porém mais importante que o aspecto “jornalístico” é a evolução da escrita e o domínio dos gêneros textuais, associada ao aumento da capacidade crítica dos envolvidos no projeto.

Palavras-chave: gêneros textuais jornalísticos; ensino; leitura; produção textual.

1 Introdução

O Comunica é um laboratório de produção textual organizado e orientado por professores da área de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS em seus cinco *campi*: Cerro Largo-RS, Chapecó-SC, Erechim-RS, Laranjeiras do Sul-PR e Realeza-PR. As atividades do Comunica iniciaram em agosto/2010 e continuam, a partir de 2011, como programa de extensão.

No Campus Realeza, o projeto é intitulado “Comunica Realeza: laboratório de produção textual” e objetiva desenvolver habilidades de leitura e produção textual de alunos do Ensino Básico e Superior. Além de desenvolverem uma leitura mais crítica, os alunos desenvolvem habilidades para produção de diferentes gêneros textuais, especialmente da esfera jornalística.

No projeto Comunica, o texto é tratado como principal conteúdo de ensino da língua, compreendendo-se, também, o texto como uma prática social, que inclui socialmente o sujeito falante/escrevente. Nesse sentido, o trabalho de produção textual tem suas bases nos

pressupostos teóricos da linguística textual e da enunciação (KOCH 2002; GERALDI, 1997; BAKHTIN, 1997). Partimos da hipótese de que produzindo o texto em circunstâncias "reais" (ter o que dizer; para quem dizer; motivos para dizer; constituir-se como sujeito de seu dizer; usar de estratégias - gêneros - para dizer (GERALDI, 1997)) fuge-se ao artificialismo da "redação escolar". Além de trabalhar com as habilidades textuais de cada integrante, procura-se estimular a leitura e a produção de diferentes gêneros textuais da esfera jornalística que permitem a produção de textos reais, fazendo com que o autor passe a ser o protagonista do próprio texto.

2 Pressupostos para construção da autoria

Nas aulas do "Comunica", o texto é tratado como o conteúdo principal do ensino de língua. Para além das regras normatizantes, compreende-se o texto como uma prática social, capaz de incluir socialmente o sujeito falante/escrevente (GERALDI, 1997). Como lembra Koch (2002), por muito tempo produziram-se na escola textos voltados para a própria escola, mais precisamente para serem avaliados e não para serem lidos por um determinado público. O Projeto Comunica visa, ao contrário, possibilitar a produção de textos reais, historicamente situados, em que haja um interlocutor real, com expectativas a serem atendidas.

Nesta perspectiva, os textos produzidos são abordados de acordo com a proposta dos gêneros textuais. Encontramos em Bakhtin (1997, p. 280) a noção de que gêneros do discurso são "tipos relativamente estáveis de enunciados" que circulam em determinadas esferas comunicativas:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só pelo conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de ação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 261).

Assim, nas atividades do Comunica, são produzidos gêneros textuais que circulam na esfera jornalística, a qual, é preciso dizer, não se refere, somente, ao suporte jornal impresso, mas às diversas mídias de circulação de textos escritos, como internet e revistas.

A opção por textos da esfera jornalística se deu pelo fato de os alunos terem contato diário com as mídias impressas e, também, porque podem produzir seus textos e publicá-los, seja na mídia impressa ou falada. Além disso, a esfera jornalística também é pródiga em gêneros textuais, ofertando a possibilidade de se produzir textos informativos e argumentativos (FARIA, 1996), como notícias, reportagens, artigos de opinião, ensaios, crônicas etc. Inclusive, a linguagem jornalística possui características próprias que a aproxima de outros textos técnicos (LAGE, 2001), como o acadêmico, e dominá-la pode significar um "trampolim" para o domínio de gêneros científicos por parte dos alunos do Ensino Médio e da graduação, integrantes do projeto.

A relevância do domínio técnico das produções textuais é associada, ainda, ao desenvolvimento da capacidade crítica dos envolvidos no projeto. A leitura da realidade e de diferentes textos e a interação com o contexto de atuação são enfocadas, a fim de se buscar a superação do senso comum, especialmente da visão pouco crítica e até ingênua em relação aos grandes meios de comunicação brasileiros (ABRAMO, 2003).

Portanto, é preciso ir além apenas do conhecimento da forma (estrutura) de um determinado gênero, mas considerar aspectos contextuais da produção, a fim de que o texto seja entendido como uma prática social e não, simplesmente, uma tarefa, uma redação, algo artificial, mera atividade escolar, da qual o real destinatário é o professor (BRITTO, 1997). Koch (2002, p. 55) lembra que Schnewly “entende o domínio (maestria) do gênero como o próprio domínio da situação comunicativa, domínio este que se pode dar através do ensino das capacidades de linguagem, isto é, pelo ensino das aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado.”

Koch (2002) alerta para essa difícil apropriação dos gêneros textuais como conteúdo de ensino. Para a autora, com base em argumentos de Rojo, há nas escolas gêneros escolares e gêneros escolarizados, ou seja, muitos gêneros são próprios da esfera escolar, como o gênero “aula”, e outros apropriados de outras esferas comunicativas para o ensino de aspectos da língua, como o gênero “dissertação”, o qual inexistente fora dos muros das escolas. Com esse deslocamento de gêneros de suas esferas para serem ensinados na escola, cria-se uma espécie de simulacro. Entre eles, encontramos gêneros da esfera jornalística, como, por exemplo, as práticas de texto com jornais escolares, muitas vezes, como afirma Bonini (2011), contendo temas ficcionais, fugindo à sua função informativa.

O desafio à fuga da artificialização do texto e, portanto, sua invalidação como prática social, pode ser superado a partir da consideração das condições de produção textual, descritas por Geraldí (1997, p. 160):

- (a) se tenha o que dizer;
- (b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- (c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- (d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (...); e
- (e) se escolhem (sic) as estratégias para realizar (a),(b),(c) e (d).

Observando-se a proposição de Geraldí, é possível concluir que a contemplação dos requisitos mínimos elencados só se pode dar a contento em uma situação real de fala/escrita. A condição (a), um assunto/tema, vai demandar do produtor do texto partir de algo que conheça e se não o conhecer, exigirá leitura, interação, pesquisa, do contrário, nada haverá para ser dito e portanto, não haverá texto. Na escola, geralmente, a condição (b) está vinculada à avaliação/nota, portanto não objetiva a interação, o que, partindo-se de uma perspectiva sociointeracionista, significa que não há prática social; é necessário criar as condições para que o aluno possa ter motivos, portanto, para dizer. O interlocutor, item (c), não pode ser exclusivamente o professor, este deve ser o mediador/orientador, apenas; se o produtor do texto não consegue formar imagem do seu interlocutor, como poderá escolher as formas adequadas de compor seu texto? Diretamente ligada ao interlocutor está a condição (d), pois como poderá o locutor posicionar-se frente ao seu interlocutor, como sujeito do seu dizer, se não conhece a imagem do seu interlocutor e, por consequência, desconhece a imagem que o interlocutor faz dele, locutor?

Por fim, como definir as estratégias para realizar (a), (b), (c), (d)? Em outros termos, qual gênero textual adotar? Não se trata da simples escolha de se definir se a melhor opção é

escrever uma reportagem ou um artigo de opinião, mas sim compreender que esta escolha implicará na forma de abordar o assunto, na linguagem adotada, no tratamento prestado ao interlocutor, no modo como o sujeito se revela, na composição estrutural e gramatical do texto, etc. É saber também as implicações futuras que o dizer trará (por exemplo, vive-se hoje num mundo judicialmente cerceado, em que o texto publicado é evidência/prova); é saber se há sustentação ao que foi dito, quando vierem os contra-argumentos; é saber das implicações sócio-políticas do dizer produzido.

Partindo-se desta perspectiva de abordagem da produção textual na escola/universidade, definiu-se a metodologia do Comunica, a qual é relatada no próximo tópico.

3 As condições de produção textual no projeto Comunica

A rotina de estudos e trabalhos do “Comunica” envolve basicamente cinco atividades principais: reuniões de estudo, reuniões de pauta, orientações, produção dos textos e divulgação.

Semanalmente, os integrantes do projeto participam da *reunião de pauta*. Sob coordenação de um dos professores do projeto, coletivamente são definidos os assuntos que serão abordados, assim como o gênero a ser utilizado. Dessa forma, há a troca de informações sobre fatos, polêmicas, novidades que estão em evidência, além de sugestões de qual a melhor forma de abordar o assunto, desde o gênero textual adequado, até quem será ouvido ou fontes para serem pesquisadas. Tem-se, nesta etapa do processo de produção textual, a satisfação das condições “o que dizer” e “por que dizer”, já que assunto e justificativa para a produção do texto fazem parte da eleição da pauta. Durante as reuniões, também fica explicitado os destinatários preferenciais do texto, ou seja, “para quem dizer”, dentre os leitores do Comunica.

Definidos os pontos de pauta, os integrantes recebem *orientação* dos professores e, muitas vezes, os alunos interagem, buscando auxiliarem-se na produção de seus textos. A orientação se dá antes, durante e após a conclusão dos textos: orienta-se sobre o gênero textual escolhido, sobre a abordagem de documentos e pessoas e quanto à redação em si dos textos. Enfim, é durante a orientação que são escolhidas as “estratégias” de como dizer o que se tem a dizer a quem se quer dizer.

A partir da orientação, são realizadas as coletas de dados, informações e entrevistas, a *produção do texto* e posteriormente a entrega da primeira versão para o orientador, que, juntamente ao aluno, faz as correções e sugere melhorias. Ao final, o orientador define se o texto está ou não apto a ser publicado. Um dos grandes desafios colocados nesta etapa é garantir que o “sujeito do texto” seja o aluno, não o professor, sendo que a identificação de autoria se dá pelo nome e instituição do aluno produtor, apesar de ser inegável uma espécie de “co-autoria” do professor.

Concluídos, os textos são enviados pelos professores orientadores para a *publicação* nos blogs do projeto – blog do Campus Realeza e blog Multicampi, no qual são publicados textos de alunos do projeto de todos os *campi* da UFFS – e nos murais localizados na UFFS e nas escolas de Ensino Médio (conforme imagens em anexo). Edições especiais, impressas em forma de informativo, são veiculadas anualmente.

Além disso, quinzenalmente, os alunos integrantes do Projeto Comunica participam de uma *reunião de estudos* em que professores do Curso de Letras trabalhavam gêneros textuais relacionados ao jornalismo, promovendo debates e reflexões acerca de aspectos

estruturais e gramaticais, além de discutir aspectos sociointeracionais de textos da esfera jornalística.

4 O processo de construção da autoria

Para avaliar como se dá o processo de construção da autoria no Projeto Comunica, vamos analisar os textos 1 e 2, em anexo. O texto “De uma simples comunicante para todos os atuais e futuros professores” foi escrito na semana do Dia do Professor e, no texto, do gênero “artigo de opinião”, a aluna do projeto se coloca como produtora do texto que, ao mesmo tempo, reflete com seus leitores sobre aquilo que escreve, já que ela é aluna de um curso de licenciatura. Isso se mostra, entre outras coisas, pelo uso da primeira pessoa do singular, que além de mostrar a proximidade que a produtora tem com o assunto, também traz um impacto na responsabilidade que ela, como produtora do texto, tem sobre aquilo que diz e, mais ainda, de o produtor como aquele que de fato está falando sobre algo que vive, o que, por si só, já é um ponto positivo para os traços de autoria.

Logo no começo do texto, a aluna faz questão de destacar que o gênero “notícia” expira sua novidade muito rapidamente, querendo mostrar que o que ela quer destacar não é algo que se expira tão rapidamente, mas um assunto que é atemporal: “A educação é focada somente quando alguma tragédia envolve o círculo escolar, e claro que isso dura apenas alguns dias, visto que o fluxo de notícia é constante e o que aconteceu não é mais importante”.

Já no segundo parágrafo do texto, começamos a perceber como o leitor influencia na construção do texto pelo produtora. Podemos ver que a autora preocupa-se em dar informações ao leitor para que ele possa entender como ela está construindo sua argumentação, conforme podemos ver neste excerto: “Para os que ainda não entenderam minha revolta, explico. O time do Grêmio não é dos melhores, e seus torcedores penam com isso. Ou seja, meu conhecido estava querendo dizer que eu iria sofrer duplamente, pois era só isso que a profissão a qual eu escolhera iria me proporcionar”. Isso também ocorre no seguinte trecho, quando a aluna lança mão da expressão “ou seja” para deixar a ideia que discute ainda mais clara: “Claro que isso é, em certos casos, verídico, transformar as pessoas em seres alienados é bem mais fácil do que mediá-las ao intelecto, ou seja, fazer com que construam a própria opinião, sejam críticos da sua vida”.

O que podemos notar, então, é que a produtora está aqui pensando em seu leitor e em como as informações dadas por ela auxiliarão na aceitabilidade do texto por parte deste leitor. No último parágrafo, a autora se dirige aos seus interlocutores principais, os quais inclui-se ela mesma, fazendo uma reflexão sobre o trabalho docente: “Mas, enquanto as mudanças, a passos lentos, vão sim ocorrendo, deixo aqui um abraço a todos os atuais e futuros professores que acreditam no seu papel na sociedade e que não perdem a esperança de dias melhores”.

Como podemos perceber, temos aqui todos os aspectos destacados por Geraldi (1997) para que o texto faça, de fato, parte de uma prática social. A produtora tem o que dizer e tem domínio sobre o assunto discutido. Além disso, quer contrariar o senso comum de que professor é uma classe sofredora (assim como os torcedores do Grêmio). Isso mostra que a aluna tem desenvolvido seu senso crítico em relação àquilo que circula na sociedade, querendo mostrar que o que se diz e pensa correntemente, não é verdadeiro. E, assim, ela tem uma razão para dizer. Também, a produtora tem a quem dizer o que diz, sabe que seu público é, em grande parte, licenciandos, assim como ela, ou professores, e são, especialmente, estas pessoas que ela quer atingir. Por fim, não há dúvidas de que a aluna se constitui como sujeito do seu dizer, já que ela mesma é uma aluna de licenciatura que refletiu e reflete diariamente

sobre o "ser professor".

Depois de escrever este artigo de opinião, a aluna passou para a produção de um texto que narrou como foi o processo de construção deste gênero: "O argumento em ação". Aqui podemos ver claramente, pelo seu relato, como ela constrói seu processo de autoria e vemos, ainda mais claros, os aspectos acima, sinalizados por Geraldí. Observando atentamente este texto, podemos observar de que forma a autora vai desenvolvendo as informações de modo a atingir seu leitor. Este leitor é, como já destacamos, de alguma forma, conhecido, pois a autora sabe que seu público alvo é, em grande parte, alunos de licenciatura e professores, do Ensino Básico e Superior. Logo, entende que serão leitores que acolherão, de alguma forma, seu texto, ainda que para apresentarem argumentos contrários ao que ela diz.

Usando da metalinguagem, a aluna explica porque escolheu este gênero. Perceba que ela chama a atenção, entre outras coisas, para o fato de que quer negar a "imparcialidade do escritor": "Optei pelo gênero 'artigo de opinião' por esse permitir uma maior flexibilidade de escrita, tanto em termos de gramática, quanto da **negação da imparcialidade do escritor**" (grifos nossos). Isso está de acordo com o fato, para que chamávamos atenção acima, de que a aluna escreve em primeira pessoa do singular. Temos aqui, então, a explicitação da estratégia escolhida para dar conta destes itens: ter o que dizer; para quem dizer; motivos para dizer; constituir-se como sujeito de seu dizer.

Além disso, ela destaca a importância de que, num artigo de opinião, é necessário dar informações claras ao leitor para que ele possa entender os argumentos do produtor do texto, conforme o trecho abaixo:

Ao escrever um artigo de opinião, é necessário dar informações ao leitor e de diversas maneiras, para que ele possa entender o que você quer dizer, entendendo os seus argumentos e, o desejável, convencendo-se deles. As informações são colocadas, é claro, de acordo com o ponto de vista do produtor do texto.

Como a própria aluna destaca, se as informações forem claras o suficiente, as chances de o leitor se convencer dos argumentos do produtor, procedendo à aceitabilidade do texto, são grandes.

A aluna continua, destacando as vantagens de se escrever um artigo de opinião em comparação a outros gêneros, como a notícia ou a reportagem: "Esse gênero possibilita uma liberdade ao produtor do texto, muitas vezes, não permitida ao se escrever uma notícia ou entrevista, pois, nesses gêneros de texto, o escritor põe foco nas informações e na fala dos entrevistados, deixando a expressão de seu ponto de vista, em tese, oculto". Em especial, destaca-se a força da sua intenção ao dizer que a produção do artigo veio de "um desejo súbito que não tive como negar em fazer".

Outro aspecto que a produtora destaca, com relação ao artigo de opinião, é a intervenção do leitor em seu próprio texto, mostrando que este não se encerra no ponto final do produtor:

Ao mesmo tempo em que esse gênero possibilita a parcialidade, ele também deixa o escritor exposto a **receber críticas e comentários, o que deve ser visto como um acréscimo no trabalho, pois se alguém criticar, é sinal que leu seu artigo e deve ter pesquisado argumentos mais convincentes aos que o produtor do artigo de opinião coloca no texto**. O leitor pode até não convencer o escritor de que o argumento defendido não se sustenta, mas pode deixá-lo com "a pulga atrás da orelha" para escrever os próximos

artigos e procurar melhorar a cada texto. Assim, o ato de escrever e saber o que seu leitor pensou sobre o assunto e o texto se tornam um exercício de aprendizagem a todo o momento (grifos nossos).

Ao contrário de terminar no ponto final, o texto produzido, de acordo com a aluna, mobiliza o leitor a auxiliar na construção de seu sentido e abre a possibilidade de uma releitura do texto, por parte do produtor, com base nos contraargumentos possivelmente apresentados pelo leitor. Isso só é possível porque o texto, de alguma forma, dialoga com o leitor, que se identifica com a abordagem do texto.

Além da questão da presença do leitor no momento da escritura, a autora destaca a importância da proximidade do produtor com o assunto do texto. Ela explica que não encontrou dificuldades para escrever o texto, mas veja que o motivo que justifica isso é que o assunto discutido faz parte do seu cotidiano e, mais ainda, que é de interesse dela discuti-lo: “Não encontrei muitas dificuldades ao escrever, por ser um assunto que faz parte do meu cotidiano e que é de meu interesse discutir com as demais pessoas”. Este aspecto ao qual a autora chama a atenção é algo que também pode ser usado para superar a artificialidade da redação escolar, já que a autora conhece o assunto e tem o que dizer, diferentemente de muitos momentos de produção textual na escola em que os alunos não estão habituados com um assunto e, por isso, produzem textos artificiais e poucos informativos/reflexivos.

Além de ter o que dizer, o autor, no projeto Comunica, tem para quem dizer, diferentemente da escola na qual o único interlocutor é o professor, que, ademais, usa o texto para aferição de nota, o que constitui um processo artificial e, como tal, de invalidação do texto como prática social (GERALDI, 1997). Veja, no texto em análise, o quanto a produtora do texto coloca para si a necessidade de envolver o leitor em seu texto, o quanto ela leva em conta o fato de que seu texto terá um leitor, o que faz com que ela se empenhe em buscar formas eficientes de atingir este leitor. Veja que na conclusão de seu texto, a produtora dá algumas dicas para se escrever um artigo de opinião e chama a atenção, em vários aspectos, para a importância de se pensar no leitor no momento de escrever o texto:

Deixo as seguintes dicas para quem quiser se aventurar em um artigo de opinião: a) é fundamental saber sobre o tema a escrever; (...) c) **pensar no público ou leitor que quer atingir**, para falar sobre o que eles, de fato, compreendam; d) seja simples e objetivo e **não queira mostrar aos outros que só porque está escrevendo um artigo de opinião é melhor que o outro**; e) coloque informações de diferentes maneiras no decorrer do texto, **assim o leitor, em algum momento, entenderá o que você quis dizer** (grifos nossos)

Isso mostra o quanto o leitor auxilia o produtor na construção da sua identidade, do seu papel, no processo de escritura do texto. Novamente podemos destacar o quanto este tipo de prática de texto se difere da redação escolar. Como já mencionamos na seção 2, Britto (1997) destaca que não se deve levar em conta apenas aspectos da forma (estrutura) de um gênero, mas, especialmente, os aspectos contextuais da produção para que o texto seja entendido como uma prática social e não, simplesmente, uma tarefa, uma redação, algo artificial, mera atividade escolar, da qual o real destinatário é o professor. A citação do texto da aluna do projeto mostra justamente os aspectos contextuais da produção sendo pensados como decisivos para a forma do texto e as informações nele veiculadas.

5 Considerações finais

Como pudemos ver, o exercício da produção textual em situações reais de interação social possibilita ao produtor do texto, de fato, “atuar” na “cena da produção” como um ator importante e que vai mobilizar um leitor na construção do sentido do seu texto. Isso ficou bem claro na análise que se fez, na seção anterior, com relação a dois textos produzidos por uma aluna do Projeto Comunica. Nesta análise se mostrou quais as formas textuais e estratégias de persuasão que a produtora do texto usa para atingir o seu leitor e isso mostra quão importante é a questão de o texto ter uma circulação real, fazer sentido em um contexto específico, ou seja, não ser produzido em uma situação artificial, não sendo, assim, um gênero textual, de fato.

6 Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 11, n. 1, Belo Horizonte, 2011. p. 149-175.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 116-126.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

7 Anexos

Texto 1

COMUNICA REALEZA: Laboratório de Produção Textual - Edição Especial - Dezembro/2011 - 02

De uma simples comunicante para todos os atuais e futuros professores

Por *Jéssica Pauletti*
(Ciências Naturais / UFFS Realeza)



Muitos podem ser contrários ao que vou descrever, no entanto, não quero perder a esperança de que a situação mudará. Poderia utilizar-me destas linhas para destacar ainda mais o lado negativo da educação e, conseqüentemente, o trabalho do professor. Mas, me recuso a salientar ainda mais o que tantas pessoas e a mídia, no geral, retratam todos os dias. A educação é focada somente quando alguma tragédia envolve o círculo escolar, e claro que isso dura apenas alguns dias, visto que o fluxo de notícia é constante e o que aconteceu não é mais importante.

Dias atrás estava a conversar com um conhecido a respeito de nossos gostos e o que fazíamos e ele largou a seguinte frase: "Além de gremista, vai ser professora". Tive que me conter para simplesmente não dar-lhe um bofetão. Para os que ainda não entenderam minha revolta, explico. O time do Grêmio não é dos melhores, e seus torcedores penam com isso. Ou seja, meu conhecido estava querendo dizer que eu iria sofrer duplamente, pois era só isso que a profissão a qual eu escolhera iria me proporcionar.

Acredito e afirmo que não. Enfrentarei problemas, talvez sim, mas do que é feita a vida se não de obstáculos para serem superados? Serei uma professora sim, e quero saber por quê? Porque só vejo a melhora das pessoas por meio da educação, aquela que vem de casa e a que recebemos na escola. Penso que é por atitudes pequenas que ganhamos

batalhas. Ao ensinar os alunos, o professor está ensinando, além do conteúdo, a possibilidade de uma leitura do mundo, da realidade que o cerca.

É, de fato a realidade não é um conto de fadas, portanto devo abandonar o barco? Penso que não. Muitos dirão que os alunos não gostam da escola, que preferem ficar na frente do computador ou pendurados no celular. Claro que isso é, em certos casos, verídico, transformar as pessoas em seres alienados é bem mais fácil do que mediá-las ao intelecto, ou seja, fazer com que construam a própria opinião, sejam críticos da sua vida.

Antes de terminar, ainda me pergunto: o que seria das demais profissões sem o professor? Entendo que o ensino precisa de mudanças para acompanhar as transformações de mundo, mas isso não acontece de uma hora para a outra, além de boa vontade, necessita-se também de investimento pesado.

Mas, enquanto as mudanças, a passos lentos, vão sim ocorrendo, deixo aqui um abraço a todos os atuais e futuros professores que acreditam no seu papel na sociedade e que não perdem a esperança de dias melhores.

Feliz dia do professor!



Artigo orientado pela Profa. Dra. Sabrina Casagrande. Disponível no link:
<http://projetoconunica.blogspot.com/2011/10/dia-do-professor.html>.

Texto 2

COMUNICA REALEZA: Laboratório de Produção Textual - Edição Especial - Dezembro/2011 - 03

Artigo de Opinião**O argumento em ação**

Por *Jéssica Pauletti*
(*Ciências Naturais / UFFS Realeza*)

O artigo de opinião “De uma simples comunicante para os atuais e futuros professores” procurou expor os anseios de uma estudante de licenciatura que acredita na educação e sabe que, mesmo de forma lenta, o ensino vai ser valorizado, bem como os docentes.

Abordei esse tema, pois escrevi tal texto na semana do dia dos professores, 15 de outubro, e queria, além de fazer uma reflexão com meus caros leitores sobre a profissão de professor, também homenagear os professores que fizeram ou fazem parte da minha vida. Optei pelo gênero “artigo de opinião” por esse permitir uma maior flexibilidade de escrita, tanto em termos de gramática, quanto da negação da imparcialidade do escritor.

Esse é o gênero no qual você pode deixar sua personalidade fluir, colocando sua opinião, seus pensamentos diante do leitor. Ao escrever um artigo de opinião, é necessário dar informações ao leitor e de diversas maneiras, para que ele possa entender o que você quer dizer, entendendo os seus argumentos e, o desejável, convencendo-se deles. As informações são colocadas, é claro, de acordo com o ponto de vista do produtor do texto.

Sempre tive vontade de escrever um artigo de opinião, mas, nesse segundo ano de Comunica, foi a hora que eu tinha certeza que devia escrever, foi um desejo súbito que não tive como negar em fazer. Esse gênero possibilita uma liberdade ao produtor do texto, muitas vezes, não permitida ao se escrever uma notícia ou entrevista, pois, nesses gêneros de texto, o escritor põe foco nas informações e na fala dos entrevistados, deixando a expressão de seu ponto de vista, em tese, oculto.

Ao mesmo tempo em que esse gênero possibilita a parcialidade, ele também deixa o escritor exposto a receber críticas e comentários, o que deve ser visto como um

acréscimo no trabalho, pois se alguém criticar, é sinal que leu seu artigo e deve ter pesquisado argumentos mais convincentes aos que o produtor do artigo de opinião coloca no texto. O leitor pode até não convencer o escritor de que o argumento defendido não se sustenta, mas pode deixá-lo com “a pulga atrás da orelha” para escrever os próximos artigos e procurar melhorar a cada texto. Assim, o ato de escrever e saber o que seu leitor pensou sobre o assunto e o texto se tornam um exercício de aprendizagem a todo o momento.

Depois de feita a primeira versão do texto, como de costume, enviei-o para a minha orientadora Sabrina, que deu algumas sugestões para deixar o texto mais claro. Ela também sugeriu duas figuras para serem colocadas no texto. Acatei as sugestões tanto de correção como de figuras. Sobre a função destas, elas permitem que o texto fique com mais vida e mais atrativo ao leitor.

Não encontrei muitas dificuldades ao escrever, por ser um assunto que faz parte do meu cotidiano e que é de meu interesse discutir com as demais pessoas. Deixo as seguintes dicas para quem quem quiser se aventurar em um artigo de opinião: a) é fundamental saber sobre o tema a escrever; b) sem enrolação, ir direto ao ponto que você quer abordar; c) pensar no público ou leitor que quer atingir, para falar sobre o que eles, de fato, compreendam; d) seja simples e objetivo e não queira mostrar aos outros que só porque está escrevendo um artigo de opinião é melhor que o outro; e) coloque informações de diferentes maneiras no decorrer do texto, assim o leitor, em algum momento, entenderá o que você quis dizer; f) não tenha medo de ler várias vezes, cortar pedaços, acrescentar linhas. Após as dicas...comece, erre, pratique, é fazendo que se aprende!

Texto orientado pela Profa. Dra. Sabrina Casagrande. Disponível no link:
<http://projeto comunica.blogspot.com/2011/12/edicao-especial-comunica.html>



Figura 1 – Mural do projeto “Comunica” exposto na UFFS, Campus Realeza.



Figura 2 – Blog do projeto “Comunica Realeza”.